

DIALÉTICA MARXISTA — PSICOLOGIA RUSSA — O POVO RUSSO

Ten-Cel MARIO DE ASSIS NOGUEIRA
Oficial de EM

I — DIALÉTICA MARXISTA

1. Dialética

Dialética é a arte de argumentar, de expor e discutir, quer em temas ideológicos, teológicos, históricos, políticos ou em quaisquer outros.

Este termo é usado, por certos analistas sociais, atualmente, como antinomia a empirismo, a conhecimentos práticos, a bom senso; tem largo emprêgo na conceituação do evolucionismo, em oposição ao conservadorismo, principalmente, ideológico.

2. História

A dialética, na sua concepção lata, é antiga: vem de Platão (427-347 "A.C."). Passou por Plotino (205-270), neoplatonista e, muito depois, por Kant (1724-1804), e Hegel (1770-1831), professor de Marx (1818-1883).

É uma forma de raciocínio, onde figuram três idéias: Tese, elemento em prevalência no momento considerado, Antítese, seu oponente e Síntese, produto purificado do choque daqueles dois e futura Tese.

Hegel, filósofo alemão, adaptou essa dialética, concluindo pela existência da divindade como somatório e fonte da humanidade, da razão e do espírito: era idealista.

3. Marx

Karl Marx, filósofo alemão, aluno de Hegel, adotou a forma de raciocínio que o mestre lhe ensinou, introduzindo, nela, a base materialista que adquiriu com Feuerbach (1804-1872). Além dessa base materialista, Marx adquiriu, desse filósofo, a noção da alienação-submissão do homem ao Deus, que êle cria, como um mito de justiça, Beleza e Bondade — ampliando-a ao Estado e à Economia.

Para essa ampliação ao Campo Social, Marx se inspirou nos trabalhos de Proudhon (1809-1865); isso lhe permitiu lançar-se nas argumentações sociológicas, criando o que veio a chamar-se, depois, a dialética marxista. Esta dialética é, portanto, uma compilação de conceituações de vários filósofos e é hoje, apregoada por ter tido êxito uma revolução, chefiada por leitores do "Capital" de Marx: Lenin, Pleranof, Martof.

Em resumo, na dialética marxista, há três elementos: Argumentação, de Hegel; extensão ao campo social, de Proudhon, embora negado o niilismo; base materialista, de Feuerbach.

Com êsses elementos, Marx adaptou a dialética aos fenômenos, políticos e econômicos. Fêz um estudo retrospectivo da História da Humanidade e enquadrou os diversos estágios da Civilização, na evolução da História, considerando sempre cada estágio um dos elementos da sua dialética: Tese, Antítese, Síntese.

Assim, da Tese, Escravidão fase do domínio das grandes cidades teria surgido, segundo Marx, o Feudalismo, dando como síntese o Capitalismo, que veio a tornar-se, por sua vez, nova Tese. Como sua antieconomia, surge o Socialismo Marxista, com a Revolução Russa de 1917. Do choque dêste com aquêle, surgirá o Comunismo, Pleno, quando a Rússia alcançar a hegemonia mundial. Aí estaremos no verdadeiro paraíso terrestre, onde não haverá fronteiras, nem guerras ou revoluções e tôdas terão de tudo, sem cobiças, nem desavenças.

Marx afirmou que as revoluções são as locomotivas da história e que só por meio destas, a humanidade progride. No seu entender, o Comunismo Pleno será obtido com uma Revolução geral, o que pode ser entendido como uma conceituação do fatalismo das guerras, no estágio pré-comunista.

Ao estágio atual do Socialismo Marxista da Rússia, China e Cuba — verdadeira ditadura de classes — os marxistas denominam de “Científico”.

Mas, os cientistas, em geral, ocidentais ou orientais, são acordes em admitir como princípio geral que qualquer fenômeno, para ser considerado científico, exige comprovação estatística e, até hoje, nenhum fato sociológico, marxista, foi mensurado e comprovado matematicamente.

Devemos admitir entretanto, que a dialética marxista permanece como um método investigante dos fenômenos sociais, políticos e econômicos e, ao mesmo tempo, como uma concepção filosófica do mundo, embora um método parcial, preparado e aceito por sofistas ou por falsos eruditos, para concluir, especificamente pela excelência do marxismo. A difusão das irretorquíveis verdades dessa doutrina fá-la-ia aceita e imposta em todó o globo terrestre, qualquer que fôsse a reação dos conservadores: suposição de Marx, há mais de um século e continua a ser a dos marxistas atuais.

A suposição de Marx está falhando completamente: o culto povo europeu a conhece muito bem; a Alemanha Ocidental, que operou o milagre alemão, com a democracia, a conhece de sobejo e lá está a “Muralha da Vergonha”, como um obstáculo intransponível aos fugitivos do paraíso comunista. Cuba volta ao estágio da Escravidão com a venda de prisioneiros.

Conclusão

Dialética marxista não subentende evolução: Marx é de 1818 e o "status" psico-social, inspirador da sua dialética, é da metade do século passado. Se o comunismo deve ser enquadrado como estágio na História da Humanidade, em geral, o é como inicial e não o será nunca como final, embora, para tanto, se esfalem os marxistas do mundo inteiro.

II — PSICOLOGIA RUSSA

No idioma Russo, sentido e sentimento se traduzem pela mesma palavra: TCHUVSTVO. Essa univocidade facilita a concepção filosófica materialista.

Tôda as concepções psico-sociais dos marxistas têm base na Psicofisiologia Pauloviana dos Reflexos Condicionados.

O criador dessa teoria, o psicólogo russo J. P. Paulov, estudou as reações apresentadas por animais, que submeteu a constantes e uniformes tratamentos, excitadores e ativadores dos seus órgãos e glândulas.

Paulov verificou que, após algum tempo, os animais estão "condicionados", isto é, agem, automaticamente, como resposta inconsciente, aos estímulos acionadores dos seus sentidos. Paulov obteve grande sucesso, habituando cães a ver uma lâmpada acender-se, imediatamente antes, de receber o seu alimento. Provou que, mais tarde, o simples acendimento de uma lâmpada provocava, nos órgãos digestivos dos animais, os fenômenos fisiológicos idênticos aos que proporciona a visão do alimento. Essa observação serviu de base à Psicofisiologia russa.

Os compêndios de Psicologia, editados atualmente em Moscou, ensinam que a Psicofisiologia estabelecida por Paulov está ultrapassada, porque a nova escola soviética é dinâmica, progressista, calcada na idéia da purificação constante dos elementos químicos, componentes da matéria, enquanto que o ilustre cientista estudou os atos humanos em caráter estático.

Entretanto, afirmam os russos, — Rudik, Psicologia, 1955, Moscou — a base da verdadeira Psicologia reside ainda naqueles fundamentos científicos de Paulov: "O estudo materialista de J. P. Paulov, sobre as leis das mais elevadas atividades nervosas, firma-se como a base científico-natural, sem a compreensão da qual não é possível, nem um entendimento regular, nem o estudo proveitoso dos processos psíquicos".

Este autor escreve, com tôdas as letras, mais adiante, essa interessante asserção, que equivale à mensuração do traço de uma personalidade confundida pelo "condicionamento": "Na base metodológica da Psicologia, como em tôda e qualquer outra ciência, está a filosofia marxista".

Isso é comparável na filosofia dualista: "Todo saber provém de Deus".

Rudik, repetido por outro psicólogo, N. D. Levitov, nas "Questões de Psicologia do Caráter" — 1952, Moscou —, procurando justificar o postulado de Marx — "o homem é totalidade de relações sociais" — escreveu:

"A compreensão regular dos processos psíquicos e do desenvolvimento normal da personalidade do homem, só se torna possível na base do condicionamento social do ser humano, como essência social."

Quadra repetirmos aqui, com Woodworth, que o "condicionamento" só foi confirmado, integralmente, nas experiências práticas, em animais e crianças em idades inferiores a cinco anos e ainda: "Conseqüentemente, a resposta condicionada, não é segura", só podemos explicar como laudatória, a asserção de Rudik: "Mente é a própria matéria, na sua mais alta organização — cérebro — como reflexo subjetivo do mundo objetivo". "A variação dos atos humanos é decorrente da dosagem dos elementos químicos, componentes da matéria; quanto mais puros e evoluídos os elementos, mais sublimes êsses atos".

Essa conceituação nos levaria a admitir que, em nossa mente, nada mais se passaria do que meras transformações químicas, matéria reagindo sobre matéria, funcionando a sede dos sentidos como um conjugado de mecanismos dispostos e predispostos para emitir uma resposta imediata, reflexa, independente de laboração intelectual, mecânica, padronizada.

A aceitação do postulado marxista — o homem é totalidade de relações sociais — significaria abstrair-se do ser humano o fator sentimento e enquadrá-lo na categoria dos animais inferiores.

Ademais é preciso atentar bem para o fato de que os exames de laboratório têm infirmado a divergência entre componentes do cérebro humano.

O cérebro de Marx continha os mesmos elementos, com as suas mesmas percentagens, tal e qual se encontram nos pacientes de nosocômios, divergindo entre si os indivíduos no "quantum" da matéria, que correlaciona muito pouco, ou mesmo nada, com o Quociente de Inteligência (*).

Em verdade, a concepção psicológica russa atual se enquadra na escola behaviorista implícita, com entendimentos de fenômenos sujeitos às limitações dos métodos experimentais do "estímulo-resposta".

Tôda essa conceituação é admitida sem repugnância pelos soviéticos, em parte, pelo fato de inexistir na língua russa, o termo "sentimento", cuja falta é sanada com o emprêgo de outra palavra que significa "sentido": *tchuvstvo*.

Essa indistinção facilita aos marxistas a aceitação — para nós repugnante — do "estímulo-resposta", negação integral da Ética e da

(*) A causa da divergência, entre êsses quocientes, ainda não pôde ser, convenientemente, explicada pela Psicologia Ocidental e muito mais dificilmente, pela Psicofisiologia com seus padrões.

Moral, ciências de fundo tipicamente de sentimento, decorrência dos nossos "mores" e "folksways" (acervos de hábitos, crenças, idéias, tradições transmitidos pelos ascendentes).

Conclusão

Pode-se asseverar, sem preocupação de êrro: Na Rússia, os dirigentes assentam as conclusões; os cientistas descobrem as premissas para confirmação. As Psicologias russas escrevem: "Na base de qualquer ciência está a filosofia marxista".

Para os russos, divindade é expressa por seis letras: KPSSSR = Partido Comunista da União Soviética.

III — O POVO RUSSO

LIBERDADE ? ...

Não: SIVOBÔDA ()*

São coisas diversas.

A personalidade média de um habitante da Rússia é conseqüência do cruzamento das mais variadas raças que se miscigenaram naquele imenso território europásio.

A história russa remonta ao século IX da nossa era, quando aquela terra feraz era povoada por tribos nômades que se localizavam, principalmente, nos vales do Dnieper e do Dniester.

Os gregos, das praias marítimas, subindo ao longo dos rios, ocuparam suas nascentes e expulsaram, dali aquelas tribos ou a ela se fundiram.

Escandinavos do Noroeste e, depois, filandeses do Norte, afluíram aos imensos planaltos a Oeste dos Urais e ali também, procuraram se fixar, em lutas constantes pela posse da região, com os nativos e ádvemas do sul. O predomínio, entretanto, coube aos Citas, que ocuparam a região por muitos anos.

Posteriormente, ocorreu uma invasão mais dominadora e prevalente que a daqueles — dos Tártaros. Estes escravizaram os povos do centro da Rússia por mais de dois séculos (1224 a 1500).

Ocorreu, nesse chamado primeiro período, uma série de tumultos que foram sufocados pela mão de ferro de Ivã, o Terrível, gerado naquela tirania e déspota por excelência. Com êle, iniciou-se o ciclo dos Tzars absolutos e dominadores.

Em 1672, Pedro o Grande, embora mais humano, iniciou seu govêrno, sacrificando, como exemplo, a isolamento, sua própria irmã.

(*) Liberdade, em língua Russa.

Daí por diante, o governo passa às mãos, sempre dos Tzares mais, ou, às vèzes, menos humanos, até 1917, quando a maior escravização porque é também do espírito, se abateu sôbre o tão sacrificado povo russo.

Em resumo: sôbre o povo da Rússia, têm pesado, sem interrupção, liá mais de um milênio, sucessivas e algumas desumanas ditaduras: de chefes de clã, de imperadores, de militares, de tzares e finalmente, hoje, a mais temida e odienta, por despersionalizadora, a ditadura de classe.

É natural, portanto, que a êsse povo a palavra liberdade não soe como a ouvimos e a entendemos, nós os ocidentais, do Brasil.

Para entendimento, mais real, da personalidade de um homem típico da União Soviética, relacionamos, a seguir, os traços mais encontradiços nos indivíduos daquela raça, tal como se nos apresentam nas ruas das grandes cidades soviéticas.

- Submissão — elevada;
- Introversão — pronunciada;
- Intero — agressividade: pronunciada (desenvolvida, em parte, pela autocrítica);
- Extero — agressividade: reprimida;
- Depressão: pronunciada;
- Sugestionabilidade: elevada;
- Emotividade. dominada;
- Afetividade: controlada.

Pode-se asseverar, sem dúvida, a personalidade do homem russo é, profundamente influenciada pela sua sujeição ao regime que vigora na União Soviética, onde nada se faz sem a aquiescência do partido comunista.

3. Divergências entre as personalidades médias, russa e brasileira

As raças eslava e latina apresentam características muito próprias, com visíveis divergências caracterológicas entre seus indivíduos.

O traço introversão-extroversão situa-se entre os que mais caracterizam a distinção da personalidade de um brasileiro para a de um russo, típicos. De um modo geral, o indivíduo do Brasil é mais extrovertido, ao contrário do russo, que tende para a introversão.

A extroversão brasileira está naturalmente ligada à sua grande emotividade e sensibilidade.

Os agitadores comunistas procuram explorar essa característica latina e buscam impressionar as classes menos cultas, aproveitando todos os aspectos sentimentais de grande repercussão, para explorar no interesse próprio o fato emocional.

O traço submissão-dominância é, também, outra característica da divergência entre as duas raças. O espírito de independência, herdado do índio, criou no brasileiro a repulsa a qualquer tentativa de escravização. A Insurreição Pernambucana é exemplo típico desse traço, que tem dificuldade aos marxistas, a politização de brasileiros.

Essa evidência se torna marcante quando o partido comunista determina a seus adeptos tarefas além do trabalho profissional. A aceitação se faz, com relutância, entre os marxistas brasileiros, enquanto na Rússia, é comum os operários "oferecerem" uma hora extra de serviço ao partido.

Lá, o trabalhador, portador de alto índice de subordinação, não reage aos chefes instituídos.

O pavor à célebre Tcheca (antiga polícia secreta russa), que nunca será esquecida pelos russos foragidos, inculcou naquela gente a preocupação de silenciar sempre. O russo é esquivo, temeroso, reservado e triste, sempre preocupado com a possibilidade de perseguição, mesmo após ter saído da Rússia.

No Exército Vermelho, o castigo físico era norma geral, antes da última guerra e não está de todo abolido.

4. Conclusão

É difícil, senão impossível, uma revolução dentro da Rússia.

O povo brasileiro poderá ser surpreendido com a implantação de uma ditadura comunista, mas dificilmente a ela se submeterá por muito tempo, sem uma violenta reação.

5. Apreciação final

A forma de governo, que vige na União Soviética, pode ter dado bons frutos, especificamente, para a raça que habita aquele imenso país. Pode anda continuar a produzir e será de bem que o faça.

Mas, para nós, brasileiros, aquele regime só poderá ser nefasto, porque violenta tudo o que temos de mais caro — A LIBERDADE, COMO A ENTENDEMOS, até no modo de criar nossos filhos.

Os brasileiros que desejam aquele regime e o conhecem, só o querem como DIRIGENTES, porque, como DIRIGIDOS, eles preferem a nossa bem brasileira democracia, a CUJAS LEIS RECORREM, SEMPRE QUE SÃO COMBATIDOS — e quando o são — com ARMAS E MÉTODOS MUITO MAIS HUMANOS DOS QUE OS QUE COSTUMAM USAR.

PRAÇAS E OFICIAIS MAIS MOÇOS!

ISTO FOI ESCRITO PARA VOCÊS, de quem dependerá, em última instância, a decisão entre a DEMOCRACIA BRASILEIRA e o COMUNISMO RUSSO.

PENSEM E ESCOLHAM, enquanto Deus lhes permite a faculdade de escolher.

BIBLIOGRAFIA

- N. D. Levitov — Questões de Psicologia do Caráter, Moscou — 1952.
P. A. Rudik — Psicologia, Moscou — 1955.
Sérgio Marinho — Aspectos de Sociologia — Rio, 1958.
Robert Woodworth e Donald G. Marquis — Psychology, New York, 1953 (Tradução de Lavinia C. Raymond).
S. F. Platonov — Manual de História Russa — Buenos Ayres (em língua Russa) — 1945.